

LAZER E SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS USUÁRIOS DE DROGAS DA PERIFERIA DE JOÃO PESSOA NUM CONTEXTO DE RISCO

Clara Maria Pereira Carvalho Carneiro da Cunha¹
Maria do Socorro de Sousa Vieira²

Introdução

O uso intensivo de drogas tem se configurado num dos grandes problemas da atualidade, com enorme repercussão social e econômica para a sociedade contemporânea. Sua origem e desdobramento são bastante complexos. Embora incluam determinantes psicológicos e biológicos dos indivíduos, a apresentação do fenômeno abrange, seguramente, motivações e repercussões de ordem econômica, social e cultural.

¹ Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba. Vice Diretora do Centro Formador de Recursos Humanos da Secretaria de Estado da Saúde/PB. Endereço. Av. Cabo Branco, 1690. Cabo Branco. CEP: 58045010 João Pessoa/PB/Brasil.. email: claracunha@zipmail.com.br

² Orientadora. Profa. Dra. em Ciências Sociais. Docente do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba. socorrosvieira@yahoo.com.br

Os dados sobre o crescimento do uso de drogas, principalmente entre jovens, são amedrontadores. A explosão demográfica, a avalanche da urbanização e suas metamorfoses sociais com diversas implicações negativas na qualidade de vida da nossa população acarretam uma “desfiguração comportamental” do ser humano, principalmente do jovem e adolescente, que busca sua identidade e seu espaço dentro do contexto pessoal, familiar e social. Estamos enfrentando as doenças da modernidade, a depressão, o pânico, a toxicomania e outras compulsões que são patologias psicossomáticas da atualidade, de origem social que afetam a saúde física e mental. A saúde da humanidade está fragilizada (BIRMAN, 1999).

No Brasil, pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, no ano de 2000, demonstrou também a prioridade do uso de drogas lícitas, álcool 53%, tabaco 39%, ficando a maconha, droga ilícita em terceiro lugar com 5,6% de uso pela população, demonstrando, portanto, a necessidade de um maior comprometimento de toda a sociedade com tal questão, pois os prejuízos, além de individuais e familiares, implicam em altos custos sociais e econômicos. (MARTINS, 2002, p.20).

Segundo estudos da Organização Mundial de Saúde - OMS o Brasil está situado entre os 25 países que nas últimas duas décadas aumentaram o consumo de bebidas alcoólicas no mundo. A população brasileira está estimada em 169.799.170 habitantes. Desta 35.287.882 é constituída de jovens, na faixa etária entre 10 à 19 anos. Dentre 137 países, analisados pela OMS, no Brasil o consumo de álcool *per capita* da população, aumentou em 74,5%, evidenciando que esta questão está estreitamente relacionada a uma série de problemas sociais, e de saúde, em particular. (VAISSMAN, 2002).

Pode-se pressupor como hipótese que esta tendência atinge uma grande parte da população de jovens de diversos Estados Brasileiros, que estão vivenciando este processo, pelas mais variadas causas: seja pela curiosidade, pelo desejo de fugir da realidade em que as condições materiais mínimas de vida negam acesso a direitos básicos de cidadania; seja pela diminuição do poder econômico de suas famílias, que cada vez mais, situam-se num mercado marginal. Nesse contexto, o jovem vive as conseqüências desse processo de carências diversas: de habitação, alimentação, educação, cultura, lazer, entre outros.

Na Paraíba, Estado situado na região Nordeste, com uma população aproximada de 3.443.825 habitantes, segundo o último censo demográfico – Fonte IBGE, 2000, encontramos, na faixa-etária compreendida entre 10 a 19 anos, uma população, em média de 1.500.000 habitantes, sendo que, 1.000.000 destes, pertencem a famílias que ganham menos da metade de um salário mínimo. Nesta mesma faixa de idade, aponta-se como alfabetizados: 1.992.075 habitantes. A cidade de João Pessoa, capital do Estado, cuja população aproximada, é de: 597.934 habitantes, concentra, entre 10 a 19 anos: 124.559 habitantes.

A socialização de muitos de nossos jovens, nos espaços de lazer, reafirma um comportamento, de uso de drogas aceitas socialmente, inculcido há muito tempo, tanto nas classes sócio-econômicas mais favorecidas quanto naquelas de menor poder aquisitivo. Ao se reunirem em momentos de diversão, o objetivo passa a ser não apenas usar o que é permitido, como também utilizar algo e adotar comportamentos que venham a transgredir normas impostas socialmente, a exemplo do uso de drogas ilícitas e de outras práticas de risco.

Através do uso do álcool e outras drogas, os jovens conjugam maneiras e vivências sociais que lhes possibilitam a construção de trajetórias de vida, mesmo que, pelo via da transgressão.

Contudo, é preciso considerar que existem outras motivações sociais que impulsionam o jovem para o uso excessivo de drogas: a curiosidade em experimentar novas sensações cada vez mais incentivadas pela mídia, o prazer que estas substâncias impõem aos indivíduos que já se tornaram dependentes, a influência do grupo familiar e de amigos nas práticas de uso. Mas a leitura que deve ser feita da expansão do consumo de drogas é também no sentido de compreender as exigências da contemporaneidade dos contextos de sociabilidade sobre o desempenho dos jovens.

Portanto, o uso de drogas em uma sociedade, é um fenômeno dinâmico, multifacetado e de difícil apreensão. Estão em jogo os fatores que fazem despertar nos jovens o desejo pelo uso, entendendo o momento de vulnerabilidade a que estão expostos, afetados pelas mudanças corporais e psicológicas, como também por determinantes familiares e sociais.

A idéia de estudar o tema do uso excessivo de drogas por jovens pobres, no universo de lazer risco e sociabilidade, surgiu a partir da minha experiência como psicóloga, por 23

anos, atuando na área de saúde mental sabedora do estigma ao qual são acometidos, e por ter em mente, a relevância que o impacto social poderá causar ao final da pesquisa, enquanto Política Social, com propostas e intervenções mais voltadas para uma melhor qualidade de vida dos mesmos.

Associado a esses fatores, o recorte por esse universo se deu, principalmente quando estive como diretora (durante 06 anos, no período de 1996 a 2002), do CAPS/JOVEM CIDADÃO – em João Pessoa. Assim, tive a oportunidade de partilhar com esses jovens, através de suas experiências, o enigmático, arriscado e encantador mundo juvenil.

Através de relatos em prontuários e dados estatísticos levantados no CAPS, no referido período, foi constatado que, dentre os jovens atendidos no Centro, destacava-se uma clientela pertencente a uma população de baixo nível sócio-econômico, oriunda de diversos bairros periféricos e bastante populosos de João Pessoa. Apontava-se, na época, para um consumo exagerado de Drogas lícitas e ilícitas, numa relação muito próxima destes jovens com a morte, onde, muitos destes, atingidos individualmente, ou em galeras, no momento de serem acometidos por algum ato de violência, se encontravam quase sempre em espaços de lazer, aonde iam, em busca de diversão. Os espaços escolhidos ou disponíveis aos quais os jovens têm acesso são em geral permissivos a comportamentos transgressores e de exposição a diversas formas de risco. Sabe-se que os esportes radicais, violência entre os colegas, acidentes, acesso a locais perigosos ou macabros como cemitérios, associados ao uso abusivo de drogas, são exemplos desta necessidade de atração pelo risco.

A maneira pela qual estes jovens estão se divertindo, impõe questionamentos do tipo: *Quais as diversões que possibilitam prazer para os jovens envolvidos com o uso de drogas? Qual a associação entre o lazer, o risco e as drogas? Por que, as situações de risco presentes no contexto do uso de drogas não impedem a socialização dos jovens nos espaços de lazer?*

Sabe-se que os danos psico-físicos e sócio-culturais, decorrentes de determinadas formas de lazer associadas ao uso de drogas são inúmeros. A violência se expressa sob vários aspectos, saindo do plano psíquico individual para o plano físico coletivo. Os altos índices de homicídios e acidentes envolvendo jovens são um indicativo.

A questão é complexa e exige ampla reflexão bem como respostas concretas de Políticas Sociais voltadas para a valorização da população. Os jovens, pelas suas peculiaridades, devem ser entendidos como seres sociais nas suas diversidades e singularidades. Isto quer dizer que todos os aspectos do sujeito social devem ser apreendidos como dinâmicos e necessários a sua integralidade.

Um dos desdobramentos desta pesquisa será mostrar as várias formas de diversão de jovens pertencentes às camadas menos favorecidas da população, cujo baixo poder aquisitivo, impossibilita o acesso a infinidade de meios de entretenimento, disponível a uma parcela privilegiada economicamente. Este outro segmento juvenil, pertencente às classes mais favorecidas, entretanto, encontra-se igualmente vulnerável aos riscos da contemporaneidade, inclusive ao uso indevido de drogas. Contudo, diferentemente do primeiro grupo, dispõe, mais facilmente, de diversos aparatos educativos e terapêuticos de prevenção.

O conhecimento de nossa realidade pode colaborar com esta população, ajudando aos profissionais que se interessam pela matéria a formularem políticas mais realistas voltadas para o contexto dos jovens, sabendo que para o lazer, se faz necessário um grande incentivo por parte do Estado, Órgãos Não Governamentais e sociedade em geral.

Com isso, enfoco neste estudo, o conceito de *risco* utilizando as práticas vivenciadas pelos jovens pesquisados, como balizadoras deste referencial, nos dizendo se é o risco, inerente ao homem, ou se nos apaixonamos por ele, a fim de que possamos nos resgatar como indivíduo, perante o social, que tanto valor atribui atualmente a quem se joga ao perigo, ou se arrisca.

Assim, esta pesquisa objetiva investigar quais as formas de lazer, encontradas por adolescentes usuários de drogas de bairros populares e da periferia de João Pessoa - PB, enfocando as suas formas de sociabilidade, num contexto de atração pelo risco.

Referencial teórico

Juventude, Sociabilidade, Drogas, Risco e Lazer

Conceitualmente, *Juventude é uma categoria social*, que pode ser definida como “uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou

pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a eles atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos” (GROPPO, 2000, p.278).

Este autor analisa os diferentes termos dados a *juventude*, explicando que a *Puberdade* para as Ciências Médicas se refere a transformações corporais da criança que está se tornando adulto. Já a *Adolescência* para a Psicologia, Pedagogia e Psicanálise, se refere a mudanças na mente, na personalidade ou comportamento, na passagem do indivíduo para a fase adulta e a *Juventude* é o termo concebido pela Sociologia, para designar o período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do adulto.

Sociologicamente, temos várias juventudes, formadas a partir de suas diversidades vivenciais na fase de transição à idade adulta. Podemos então perguntar: quem é então este adolescente de hoje, que se delinea ou se define através de suas interações sociais no percurso de sua vida?

É o adolescente concreto que se caracteriza basicamente por sua condição de pertencer à natureza, sua condição de ser social, ou seja, é definido pelo conjunto dessas relações sociais, sua condição de ser histórico, em que o seu grau de desenvolvimento dependerá da estrutura social mais ampla na qual ele se encontra inserido e finalmente, sua condição de pertencer à natureza, mas poder se diferenciar dela através da possibilidade de produzir meios de sobrevivência, que serão as matrizes geradoras de todas as relações humanas estabelecidas e, conseqüentemente, da produção da cultura e do conhecimento. (CONTINI, 2002, p.14).

Vemos na literatura vários autores que apesar de adotarem a idéia de o adolescente pertencer a uma realidade onde ele possa se fazer enquanto sujeito histórico e culturalmente social, ainda o vê subordinado ao seu interior, ou seja, há uma valorização maior do subjetivo do que de um indivíduo fruto das interações sociais.

Ao escrevermos sobre este tema, temos que colocar como comportamentos tidos como “facilitadores para suas entradas no mundo dos adultos”, os *ritos de passagem* aos quais estão submetidos tais jovens numa tentativa de imitarem os adultos para por eles serem aceitos. Estamos falando de jovens que passam por fases, na qual precisam se impor de maneira a serem mais ouvidos e respeitados e para tanto, beber nos bares, nas festas, nas baladas, fumarem junto a locais não permitidos, jogarem a dinheiro, engravidarem,

mostram um “falso” poder, necessário ao sentido de pertencimento desta sociedade na qual os adultos dão exemplo e cobram o comportamento.

As formas aceleradas em que se dão as transformações sociais na contemporaneidade implicam, necessariamente, no modo como vemos a realidade, que complexa, com seus múltiplos e indefinidos valores, papéis, formas de existir, vão desfavorecendo as expectativas positivas, tradições trocas de afetos, criando um clima de insegurança gestada pela violência exarcebada que o capital, desencadeia. Tudo isso ao alcance do jovem.

Tais dificuldades, propiciadas por um sistema que vislumbra o lucro, mexe com as relações sociais, iniciando pelas familiares que são acometidas diretamente por esse fluxo de idas e vindas em busca de emprego.

Associada a este movimento, as famílias, tidas como célula fundamental, núcleo estruturante, para um bom funcionamento afetivo, que assegura, possibilita o desenvolvimento, protege, define papéis, define limites, está perdida em seus desejos de sobreviverem, afetando as produções de projetos de vida desses jovens, cujas estratégias muitas vezes fracassam, fazendo-os sentirem-se com a auto-estima em baixa.

Rocha aborda a questão família, ressaltando a importância do uso do *nós*, como referência para a autonomia do jovem, e diz:

A diversificação de laços e referências em contínua relação com o mundo familiar trará aos adolescentes a possibilidade de construir sua autonomia. Neste sentido, o processo de singularização do sujeito se inscreve na relativização das referências familiares, o que implica que a instituição familiar não se constitua apenas como nós, mas também na presença do outro, condição indispensável da existência do nós. (ROCHA, Idem, p.26).

Sennet, (1999), expõe como o uso do *nós*, pode ser um pronome perigoso. É necessário fazer uso deste, mas nas relações individualistas de hoje, torna-se quase impossível seu uso, já que o *eu*, é a tônica deste processo. Ele explica como se dão as relações sociais na contemporaneidade, como resultantes de um capitalismo desenfreado que não prevê relações de longo prazo e sim de curto prazo, pois num sistema em que imperam o efêmero e o imediato não existem possibilidades de continuidade, ficando tudo no aqui e agora. Desmoronam-se expectativas de futuro, não sobrando tempo para investirem no subjetivo e no afeto de relações mais humanizadas.

Segundo Russell (*apud* OLIVEIRA, 2001, p. 40/41), o fato de que pobres teriam direito ao lazer, incomodou aos ricos que já eram muitos, na Inglaterra, princípio do século

XIX, onde tinham como dever de trabalhar quinze horas por dia os adultos, e doze horas por dia as crianças. A resposta aos que discordavam deste feito, eram assim respondidas: “[...]o trabalho afasta os adultos da bebida e as crianças das traquinices”.

O lazer passou a ser reconhecido, aceito, como uma necessidade humana e não apenas dos jovens abastados. Na concepção de Russell, ainda em Oliveira, (Op. Cit, p.42), “Deve-se admitir que o uso acertado do “lazer”, é um produto da Civilização e da Educação”.

No século XVIII, na Grã Bretanha, os trabalhadores reuniam-se após o horário de trabalho, nas tavernas, locais propícios para beber e se divertir, tidos por alguns, como “a igreja do trabalhador”, indo “comprar cerveja e ter fins de tardes alegres”, como também, em segundo lugar, discutir interesses comuns, para o bem comum. Aí as associações foram emergindo com um sentido lúdico. Para que possamos entender a necessidade que tem o homem, em voltar seus conhecimentos em prol de si mesmo e dos outros homens, de maneira a que possam fazer a “transmutação do tempo liberado em tempo livre (FRIEDMANN, 2001, p.129).

Segundo Sebastian de Grazia, *apud* Oliveira, (2001, p.28), “os jogadores saem do mundo do cotidiano e entram em outro em que, naquele momento, estão livres da necessidade [...] O jogo os converte em homens livres”, [pois] “uma condição essencial para o lazer é ter um sentido de tempo diferente do moderno”.

Caillois (1986, p.31), falando sobre os jogos, diz: “[...] não há dúvida que o jogo se deve definir como uma atividade livre e voluntária, como fonte de alegria e de diversão” e descreve, então quatro categorias de jogos: *Âgon* são os jogos de Competição – esportes em geral (Corridas, Natação, Futebol, Xadrez, etc); *Alea* são jogos da Sorte ou Azar – (Dados, Roletas, Baralhos, Loterias etc.); *Mimicry* são jogos de Simulacro – os participantes entram no universo do jogo e assumem papéis – (RPG – Rolling Play Games);- *Ilinx* são os jogos de Vertigem – atingem uma espécie de espasmo ou transe de estonteamento que desvanece a realidade, Girar em Torno de Si Mesmo até perder o controle; Sensações Físicas Profundas, etc. (Ski, Snowboard, Vôo livre, Salto de Paraquedas, Skate, Rapel, são os chamados Esportes Radicais; e, inclui aí, o Consumo de Drogas. O prazer maior dessas práticas, talvez esteja em sentir o “hálito frio da morte” e no último minuto: “sobreviver”.

Caillois acrescenta, que o “jogo significa então liberdade, que deve manter-se no seio do rigor mesmo para que este adquira e conserve sua eficácia”. “[...] Em efeito, uma máquina é um enigma de peças concebidas para adaptar-se umas as outras e funcionar concertadamente. Porém, no interior desse jogo, inteiramente exato, intervém um jogo de outra espécie, que é da vida”. “[...] O jogo propõe e propaga estruturas abstratas, imagens de ambientes fechados e protegidos, em que podem exercitar-se competências ideais”. (p.12/13).

A disposição em se arriscar apresenta-se, na atualidade, como uma necessidade humana, critica Sennett (1999) e faz a seguinte menção: “A teoria é que rejuvenescemos nossas energias correndo riscos, e nos recarregamos continuamente”, continua, “[...]o risco torna-se normal e comum”. (p.94).

Ulrich Beck, sociólogo apud Sennett, (1999, p.94), menciona: “na modernidade avançada, a produção social de riqueza é sistematicamente acompanhada pelas produções sociais de riscos”. Isso mostra que essas organizações flexíveis, impõem aos trabalhadores, uma necessidade de troca, propiciando um estar sempre em situações de risco, devido à instabilidade que elas impõem.

Amos Tversky, psicólogo *apud* Sennett, mostra que, na administração do risco devem ser levados em conta, não só os aspectos puramente matemáticos (perder ou ganhar) e sim os aspectos psicológicos “[...] as pessoas se concentram emocionalmente, é na perda”. Conclui, tal estudioso, que “[...] na vida diária as pessoas se interessam mais pelas perdas que pelos ganhos; quando assumem riscos em suas carreiras ou casamentos, assim como na mesa de jogo, que “[...] as pessoas são muito mais sensíveis a estímulos negativos que positivos...” e que: “[...] a matemática do risco não oferece garantias, e a psicologia do correr risco se concentra muito razoavelmente no que se pode perder, (p.96/97).

Percebemos que, na atualidade, homens e mulheres, sendo adultos ou jovens, crianças ou na chamada terceira idade, se vêem enquanto humanos a tentarem se impor um desafio no intuito de se fazerem presentes enquanto seres sociais, pois como diz Sennet, “a moderna cultura do risco é peculiar naquilo que não se mexer é tomado como sinal de fracasso, parecendo a estabilidade quase uma morte em vida. O destino, portanto, conta menos que o ato de partir”. (1999, p.102).

Le Breton, (2000), vê o “risco”, hoje também nesta perspectiva de inserção social e, de construção social de uma “paixão pelo risco”, sendo a procura do risco, também uma busca de superação de limites. O enfrentamento e a superação do risco é o que atribui valor ao sujeito e lhe devolve a dignidade de existir. O autor analisa o risco hoje a partir do significado social da ordália da idade média. Conforme ele:

[...] a ordália é um rito judiciário que apela pelo julgamento de Deus (ou dos Deuses conforme as referências culturais ou religiosas) para evidenciar sem equívoco, a inocência ou a culpa de um homem sobre o qual lhe pesa uma suspeita. A instância divina interrogada dá seu veredicto através de uma prova dolorosa e perigosa, na qual a sorte do homem suspeito (sua morte ou sua sobrevivência), funciona, aos olhos de uma comunidade unânime, como a prova decisiva de sua culpa ou inocência. (p.14).

De forma semelhante, explica porque, os jovens se jogam aos riscos, e, quando deles, sobrevivem, se acham julgados merecedores do prêmio, que é viver. São exemplos de ordálias: acidentes de carro, uso de drogas, overdoses.

Quando se fala em formas de afirmação do ser, é necessário abordar e pontuar que dentre tais formas de busca de sentido de existir para alguns, e para muitos, inclusive os jovens, estão o uso de drogas.

Segundo Martins, (2002, p.13), na Grécia antiga, denominava-se a droga de *pharmacon*, que tinha um duplo significado, sendo remédio e veneno, mostrava “a tentativa dos gregos de traduzir o poderoso efeito dessas substâncias sobre a mente e o corpo do indivíduo”. Freud as colocava num contexto de minimização de sofrimentos para aqueles que se decepcionavam e não conseguiam desempenhar a contento, tarefas tidas como impossíveis. Mas, nas diversas sociedades, as drogas aparecem como elemento importante no contexto de diversão, socialização e de lazer.

As drogas se classificam sobre vários aspectos, dentre eles, estão os aspectos relacionados com a origem (naturais, semi-sintéticas e sintéticas), mecanismos de ação e legalidade. Contudo, são as características da prevalência do uso que, de acordo com Martins (2002, p. 18) “[...] reflete as normas culturais e valores da sociedade [...] e continua: “Uma perspectiva histórica dos padrões de consumo das substâncias psicoativas mostra importantes variações ao longo do tempo, que retratam, em linhas gerais, as diversas mudanças culturais nas sociedades, os movimentos migratórios e o contemporâneo fenômeno da globalização”.

Segundo Le Breton, (2000), os jovens procuram o sentido de existir ao se lançarem aos riscos e menciona a “estrutura ordálica da toxicomania”, como um juízo que os faz merecedores ou não de viver, quando lançam suas vidas as sortes ou azares de viver ou morrer. Suas vidas “sem sentido e sem direção” estão lançadas a sorte e “a droga funciona como “simulacro simbólico” da morte do sujeito”. Porém “ela sempre restaura o mínimo de sentido que torna possível a continuidade da vida”, mesmo “que em torno do produto”.

Vieira, (2002, p.25/26), aborda em sua tese, a interpretação de Weber, sobre o desencantamento do mundo, que “[...]dominado pela racionalidade técnica e pelo império da ciência, [...] banuiu o sagrado, destruiu as utopias do Iluminismo e, conforme Freud lançou os indivíduos à condição de desamparo social.

A autora aborda a utilização das drogas, por sujeitos que tentam “desafiar um mundo espetacular”, vislumbrando encantos e desencantos propiciados pelo seu uso e mostra, a partir de Balandier e Birman, que a atualidade “cobre o mundo de desesperanças, intensificando as impossibilidades de satisfação psíquicas do sujeito e o abandono, e diz que: “assim, o amparo propiciado pela droga, embora inconsistentemente sustentado na euforia e na onipotência narcísica, restitui, ao menos provisoriamente, o entusiasmo e o encanto pela vida e cria o fascínio pela substância”.

Considerações metodológicas

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, analisa a relação entre o lazer, sociabilidade e drogas no contexto de atração pelo risco experienciado por jovens pobres, usuários de drogas que se encontram em tratamento no Centro de Atenção Psicossocial – CAPS/ Jovem Cidadão. Trata-se de uma Instituição da Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba, que presta serviço gratuito voltado para o tratamento, recuperação e reinserção social de adolescentes usuários abusivos de drogas e dependentes químicos, localizado na cidade de João Pessoa.

O caminho Metodológico a ser trilhado ao longo deste percurso contemplará a pesquisa Etnográfica, que tem como pressuposto, o de que a cultura direciona a visão de mundo das pessoas e também a forma pela qual elas estruturam suas experiências. Muito embora, nesta pesquisa os sujeitos pertençam a contextos comunitários distintos, sua

condição social de pobreza, de uso de drogas, a idade de vida e o fato de freqüentarem espaços de lazer e socialização semelhantes, são aspectos que os unem, os tornam semelhantes enquanto grupo social.

A outra abordagem da pesquisa, é a História Oral de Vida, que como modalidade da História Oral, trata da narrativa do conjunto de experiências de vida de uma pessoa “garantindo sentido social à vida do depoente e leitores que passam a entender a seqüência e a sentir-se parte integrante do contexto em que vivem” (MEIHY, 1998). Em nossa pesquisa, a construção da história dos sujeitos, através de seus relatos, buscará focalizar a juventude, como momento importante de suas vidas.

Estão participando da pesquisa, Os 08 (oito) jovens que moram em bairros populares e periféricos da cidade e que através de suas histórias de juventude e de consumo de drogas, nos dão a conhecer as experiências relacionadas com o lazer e expressões culturais, vivenciadas tanto em seus bairros, quanto em outros locais da cidade, onde a sociabilidade dos mesmos se evidencia.

O estudo vai apresentando a necessidade da pesquisa se desenvolver in loco, nos espaços de diversão apontados pelos entrevistados. E assim ocorrendo, a análise poderá futuramente ir envolvendo outros atores, inseridos no tratamento do CAPS ou não.

A escolha dos lugares (casas de show, baladas etc) onde se realizam os eventos está sendo discutida com os próprios entrevistados.

Os espaços de diversão, situados nos bairros de classe média poderão ser incluídos na pesquisa, desde que indicados pelos jovens. Este alargamento, caso ocorra, enriquecerá a pesquisa.

Está sendo utilizada a técnica da entrevista semi-estruturada com utilização de recursos de gravação das falas, além de diário de campo. A análise do material empírico obtido nas entrevistas vem sendo realizada através de categorias temáticas sobre as falas dos entrevistados. Além dos temas centrais previamente indicados no nosso Roteiro de Entrevista: Juventude, Lazer, Risco, Droga e Sociabilidade, poderão surgir outros, a partir das falas dos entrevistados.

Em termos de síntese: uma análise parcial

Na atualidade os adolescentes vivem relações de curto prazo, cujas realizações são também de curto prazo, vivem o “aqui e agora”, e buscam satisfações imediatas, onde a sedução da droga apela para realizações instantâneas e sem requerer muitos esforços, onde, num “contexto de vida atual muitas vezes é mais fácil fumar um cigarro de maconha do que desgastar a imaginação e driblar as dificuldades de tempo, violência e problemas econômicos para sentir prazer”.(SCIVOLETTO e FERREIRA, 2002, p.123).

Os jovens nos dias de hoje, estão tentando definir um estilo próprio, em relação ao que vestem, a música, a dança, ao lazer em geral, às crenças, aos desejos, quase que, formando uma cultura própria, sem ter muita certeza do amanhã, jogam toda a sua energia no hoje e lançam-se cada vez mais aos riscos, buscando sempre “uma solução mágica” na resolução dos problemas. Tais soluções aparecem de várias maneiras: uma delas é na oferta de medicamentos como uma solução química, para relaxar, excitar, ter melhor desempenho sexual, enfim, criando uma relação entre o sujeito e a droga, como se ela fizesse parte necessariamente deste contexto, onde as soluções magicamente aparecem, “[...] não requer grandes esforços e de ação rápida, vai ao encontro do imediatismo característico da juventude”.

Scivoletto e Ferreira, (Ibidem p. 125), fazem a seguinte afirmação: “o adolescente que não consegue se destacar em esportes, estudos, relacionamentos sociais, entre outros, pode buscar nas drogas a sua identificação: será aquele que mais consome cocaína no grupo, ou aquele que mais entende de drogas”.

Para a insegurança, a tristeza, o desânimo, a ansiedade, a angústia, a droga aparece como “remédio” para estes males, segundo as autoras.

A inserção de jovens no mundo das drogas, uma vez iniciada, torna-se cada vez mais incultida e cultuada, nos espaços onde a sociabilidade é evidente. Utilizando-se de códigos, muitas vezes indecifráveis, (causando sentimentos de segurança), o desejo de serem socialmente aceitos, impõe formas arriscadas (não seguras) de convivência, arremetendo-os a espaços que, lúdicos ou não, despertam o desejo do uso como se fosse o mesmo, um ingresso ou ticket para a entrada junto a novos grupos de amigos.

No contexto atual, para os jovens de maior poder aquisitivo, as festas, as baladas, os assustados, os jogos, as brincadeiras, os filmes, as aventuras, as escolas, os esportes, os shoppings, as paqueras, os namoros, os “ficar”, as viagens, as drogas, os riscos a que se

expõem, tudo vivido com intensidade, compõem esse mundo lúdico juvenil fantástico de sociabilidade. Para os jovens de menor poder aquisitivo, nem todos esses equipamentos sociais, estão disponíveis, porém os desejos se dão também em torno deles.

A droga possibilita esta inserção nos grupos, uma vez que, carrega um estigma de algo poderoso, que, ao ser utilizado, além de produzir sensações de bem-estar, traz a atenção para quem a usa, despertando sensações de coragem, de se lançar ao desconhecido, trazendo como resultado, mesmo que ilusório, a impressão de ser aceito como alguém que não teme desafios e enfrenta o novo, ou seja o reconhecimento pelo grupo de sua importância enquanto um ser social que acompanha o movimento que a contemporaneidade exige.

Os espaços de sociabilidade freqüentados por jovens, favorecem diferentes maneiras de diversão cujas situações de risco, inclusive uso de drogas, são inerentes. Todos são empurrados e estimulados ao encontro do risco e não só os jovens, mas sobretudo, estes. Ao tentar entender o que os jovens sentem nesta sociedade instável que lhes dá um “empurrão”, segundo Sennet, a uma partida que não se sabe aonde vai dar, temos que nos ater ao fato de que a sociedade produz uma lógica e uma retórica de que “não vale saber onde vai dar este caminho e sim, tentar sair do imobilismo e se lançar ao desconhecido”, pois o “barato” estimula quando decidem partir, sair, pois “ficar firme, é ser deixado de fora”. “Numa sociedade dinâmica, as pessoas passivas murcham”, (SENNETT, p.103).

Lançar-se ao “risco é um teste de caráter; o importante é fazer o esforço, arriscar a sorte, mesmo sabendo-se *racionalmente* (grifo do autor) que se está condenado a fracassar. Essa atitude é reforçada por um fenômeno psicológico comum”. (Ibidem, p.106).

“Flexibilidade equivale à juventude; rigidez, à idade”, pensa-se que quanto mais velhos, “os esquemas mentais são mais inflexíveis e são avessos aos riscos...” (Ibidem, p.110).

Evidenciamos que um ambiente familiar conflitante, sem regras e limites democraticamente estabelecidos, sem definições de papéis, sem interesse pela vida familiar, sem condições afetivas, provedoras de segurança emocional e sem condições sócio-econômicas que assegurem uma boa qualidade de vida, se constitui como um grande fator de risco. Neste caso, o espaço de lazer pode servir com local de busca de superação dessas dificuldades, inclusive pelas práticas de transgressão. Na verdade, o contexto de

socialização pela diversão, tanto pode ser favorável como desfavorável à exposição ao risco e ao uso excessivo de drogas pelos adolescentes.

Portanto, a participação social do jovem é imprescindível, em todo e qualquer movimento que envolva o viver em sociedade. No campo da sociabilidade, esta se dá, num entorno onde o jovem tem a necessidade de compartilhar, de estar junto, de trocar afetos, de se emancipar, de testar sua autoridade, partilhar com outros jovens gostos em comum, identificá-los num mesmo contexto, para se sentir aceito, de descobertas que lhes propiciem essa ascensão, de um sentimento de autoria de novas descobertas, onde o espaço social é imprescindível para isso.

REFERENCIAS

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade:** psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CAILLOIS, R. **Los Juegos y Los Hombres:** La máscara y el vértigo. 1.ed. em Espanhol. México: Fondo de Cultura Econômica; 1986

CONTINI, M. de L. A Adolescência e Psicologia: práticas e reflexões críticas. In: KOLLER, S. (Org). **Adolescência e psicologia:** concepções práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia; 2002.

FRIEDMANN, G. O lazer e a civilização tecnicista. In: OLIVEIRA, P. (Org). **O Lúdico na Cultura Solidária.** São Paulo: Hucitec; 2001.

GROPPO, L. **Juventude:** ensaios sobre Sociologia e história das juventudes modernas. São Paulo: DIFEL; 2000.

LE BRETON, D. **Passions du risque.** Paris: Éditions Métailié; 2000.

MEIHY, J. **Manual de História Oral.** 2. ed. São Paulo: Loyola; 1998.

MARTINS, I. As drogas na atualidade. In: SENAD. **Formação de Multiplicadores de Informações Preventivas sobre Drogas.** 2. ed. Santa Catarina: LED/UFSC; 2002.

OLIVEIRA, P. Cultura solidária, feições lúdicas. In: OLIVEIRA, P. (Org). **O Lúdico na Cultura Solidária.** São Paulo: Hucitec; 2001.

ROCHA, M. Contexto do Adolescente. In: KOLLER, S. (Org). **Adolescência e psicologia:** concepções práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia; 2002.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter:** consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record; 1999.

SCIVOLETTO, S. & FERREIRA, R. A prevenção ao uso indevido de drogas na escola. In: SENAD. **Formação de Multiplicadores de Informações Preventivas sobre Drogas.** 2. ed. Santa Catarina: LED/UFSC; 2002.

VIEIRA, M. do S. **Droga, encantos e desencantos:** o desafio de viver no mundo espetacular. São Paulo: Tese de Doutorado; 2002.